"OBRA NOVA DA LÍNGUA GERAL DE MINA":
A LÍNGUA EWE NAS MINAS GERAIS

Aryon Dall'Igna Rodrigues (Laboratório de Línguas Indígenas, IL, UnB)

Há dois séculos e meio, em São Bartolomeu, próximo a Ouro Preto, então Vila Rica, o português Antônio da Costa Peixoto, natural de Entre Douro e Minho, escreveu um pequeno manual de conversação na língua falada pelos escravos africanos que trabalhavam nas minas de ouro. Sua intenção era oferecer aos proprietários de escravos um conhecimento da língua destes para que pudesse compreender o que diziam e assim evitar muitos males que, segundo escreveu, decorriam da falta de comunicação linguística.

Embora Costa Peixoto aparentemente tivesse uma oficina tipográfica, o seu trabalho é conhecido só em dois manuscritos, datados de 1731 e 1741. O primeiro, que se encontra na Biblioteca Nacional de Lisboa (Fundo geral nº 3052), com 14 folhas não numeradas, tem por título "Alguns apontamentos da língua Minna com as palavras portuguesas correspondentes". O outro, escrito dez anos mais tarde, é de 42 páginas numeradas, com o título "Obra nova da língua geral de mina, traduzida, ao nosso idioma", e se encontra na Biblioteca Pública de Évora (código CXVII/1-14b). Uma cópia deste último (o qual, segundo Silveira, inclui o texto do primeiro) foi promovida em 1944 por Luís Silveira, que a fez publicar pela Agência Geral das Colónias, em Lisboa. Embora Silveira declare, na "Aparência", ter julgado "conveniente não transcrever alguns passos, (poucos de resto) que pela extrema licenciosidade eram desagradaíveis e cuja falta não altera substancialmente o livro nem priva o estudo de elementos importantes", a censura do governo Salazar considerou isso insuficiente e apreendeu a edição. Por essa razão, Silveira fez nova edição, mais expurgada das tradições portuguesas, mas mantendo as expressões na língua de Minas, a qual foi publicada e distribuída pela mesma agência, embora de maneira restrita, sujeita à autorização do Agente Geral de Ultramar. A esta edição foi acrescentado um estudo do lingüista e etnógrafo africano Edmundo Correia Lopes, intitulado "Os trabalhos de Costa Peixoto e a língua Ewe no Brasil".

Em 1957 passou um mês em Portugal por encargo do Departamento de Línguas e Culturas Africanas da Universidade de Hamburgo para fazer um levantamento da produção portuguesa sobre as línguas de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau e foi aí que conheceu o Dr. Luís Silveira, então Inspetor Geral dos Arquivos e Bibliotecas daquele país, o qual me deu carta de apresentação ao Agente Geral das Colónias para pesquisar na biblioteca da agência e para obter dois exemplares do livro do Costa Peixoto, um para o departamento de Hamburgo e o outro para mim mesmo. Uma das bibliotecas que visitei naquela oportunidade foi a de Évora e lá apertei para confrontar com o manuscrito original a edição feita por Silveira, tendo acolhido à margem de meu exemplar desta todas as divergências que encontrai devidas a leituras equivocadas ou a descuidos de quem escreveu a cópia para a publicação. A grande maioria das diferenças tem a ver com a leitura dos acentos gráficos sobre as vogais, mas também háuerra omisão ocidental de algumas poucas frases e a omissão proposta - imposta pela censura - de muitas traduções.

De volta à Alemanha, comecei a anotar as formas correspondentes aos itens lexicais da "Obra Nova" registrados no grande dicionário de Westermann, Wörterbuch der Ewe-Sprache. Envolvido em seguida com a elaboração de minha tese de doutoramento, que defendi em Hamburgo em 1959, mas que tratava da língua Tupinambá aqui do Brasil, e tendo voltado ao Brasil em 1960, fastei-me da linguística africana e só voltei a lidar com o trabalho de Costa Peixoto na década de 80, quando fui amigo de alguns estudantes da República Popular do Benim (ex-Republika do Daomé) que foram fazer um curso de Português na UNICAMP, todos falantes de línguas do complexo dialéctal Ewe (Gbe) também chamado mais recentemente Gbe (Gbe): dois de F6 (fo), um de Gum (go) e outro de Mhai (maxi). Um dos falantes de F6, Issac Akabañi, despou-me a percorrer comigo todos os dados de Costa Peixoto, dando os equivalentes e prováveis equivalentes em sua língua materna, os quais transcrevi fornecendo... Pelo menos 90% dos dados do manual de Costa Peixoto foram imediatamente reconhecíveis, não só os vocábulos soltos, mas igualmente as sentenças, de podo a não deixar dúvidas de que a língua em questão pertence ao complexo dialéctal Ewe e coincide sobretudo com o F6. Algumas formas divergem e se identificam com um ou outro dialetos, ora com o Mhai, ora com o Gum. Correia Lopes, no seu estudo, também identificou a língua de Minas de Costa Peixoto com o Ewe, inclinando-se a ver nele o dialeto Gum, o que é reforçado pelo termo "gum". Gna, isto é Gum, gna-pou pessoal povo Gum. Os gna habitam a região costeira da República Popular do Benim, onde fica a capital Porto Novo. O F6 é, entretanto, a língua africana dominante no território da república (sobretudo em sua parte sul, mais próxima a costa), assim como já era na precedente colônia francesa do Daomé (Dahomey) Afriaca Ocidental Francesa. Como esses dois dialetos do Ewe são muito próximos tanto na fonologia e na gramática, como no léxico, e também pouco diferentes do Anglo (Aho, aho), que é o Ewe falado em Gana e no Togo, não é fácil decidir a qual dos dialetos corresponde mais exatamente a língua Minas de Costa Peixoto. Note-se, ainda, que o nome Mina é, na África, um dos sinônimos para o dialeto Gum (go). É possível, entretanto, que no Brasil o termo mina tenha sido usado, como tem sido frequentemente considerado, para designar coletivamente os africanos (negros Mina) embarcados na Costa da Mina ou mais especificamente no Forte de El Mina.

Se o adjetivo novo no título do manuscrito de 1741 se explica pela existência da versão anterior, de 1731, menos seguro é a interpretação do adjetivo geral qualificando língua. Se o conteúdo de língua é ampliado por ele, é por outro lado restringido pela outra expressão adjetiva de Mina: não se trata de uma língua geral da África ou do Brasil, mas especificamente da língua geral de Mina; seja na África, seja no Brasil. Se na África, esta especificação se referia mais provavelmente à costa de Mina ou a uma porção dela. Se no Brasil, ela estaria sendo aplicada pelo menos à região dominada por Vila Rica, a atual Ouro Preto. Se a expressão língua geral de Mina tiver surgido no Brasil e mais particularmente em Vila Rica, na primeira metade do século XVIII, pode ter sido inspirada, enquanto terminologia linguística na expressão língua geral, em uso nas áreas de penetração bandeirante para a Língua Geral Paulista. Qualquer que tenha sido sua motivação, a expressão língua geral de Mina numa região brasileira implica a existência nessa região de uma população ampla e mais ou menos homogênea que falava essa língua.

A Obra nova consiste de 899 itens na língua africana com a respectiva tradução em Português. Quase a metade desses itens (426) são palavras avulsas, em geral associadas
Costa Peixoto não forneceu nenhuma informação sobre o modo como escreveu a língua geral de Mina. É claro que se serviu dos hábitos que tinha para escrever o Português, tanto no que respeita ao uso das letras, como no que se refere ao emprego dos sinais diacríticos agudo, cedilha e til — hábitos da primeira metade do século XVIII, distintos em parte dos hábitos de hoje. Comparada a escrita deles com a pronúncia da língua Ewe, observa-se apreciável regularidade no registro das consoantes e vogais, seja daquelas cuja realização fonética tem correspondentes em português, seja das que não fazem parte do inventário fonético-fonológico desta língua. Estas últimas, entretanto, ou ele convencionou escrever de determinada forma, mas sem ter oferecido nenhuma indicação disso, ou simplesmente confundiu com a percepção de outros sons do Português. Vejamos alguns exemplos da sua transcrição em comparação com a do Fê do atual. Os exemplos têm um número, que indica sua posição na sequência dos dados na Obra nova; este é seguido da forma em Fê atual e da tradução portuguesa; a esta seguem-se dois pontos e a forma escrita por Costa Peixoto e, entre colchetes, em símbolos fonéticos, a provável pronúncia que daria a essa forma um leitor português ou brasileiro; acrescentou-se ainda a tradução de Costa Peixoto, quando esta diverge, salvo que só ligeiramente, da que foi obtida junto ao informante do Benim.


Consoantes fricativas surdas velar e glotal. O Fê tem duas fricativas surdas posteriores, a velar x e a glotal h. A primeira foi identificada por Costa Peixoto com a fricativa irrealizada surda do Português e transcrito com ch, enquanto que a glotal foi identificada com a oclusiva (ou com a fricativa) velar sonora do Português e representada pela letra g. Exemplos: 26 xeme ‘interno da barriga’; chioume ‘Some’; ‘barriga’, 121 xe ‘passar’: xeh [xeh], 211 xab ‘amigo’; choculm [choculm] ‘amigo, camarada’, 223 axs ‘governador’; achão [achão], 185 ait cheb ‘barbeiro’; atamchelot [atamchelot], 210 xou ‘muito tempo’; touhou [touhou] ‘muito tempo’; 6 aho ‘micos’; agom [agom], 105 ah ‘porco’; uggum [uggum], 132 ló ‘canoa’; gum [gum] ‘aleia’; 12 aguardente: agam [agam].


Esta é apenas uma notícia do interessantíssimo documento de Costa Feixoto, com o objetivo de esclarecer algumas dúvidas a respeito da língua nele contida: (a) trata-se da língua Ewe (ou Gbe), mais proximamente de seus dialetos Fê e Gum, tais como falados hoje no Benim; (b) o extenso léxico registrado não contém empréstimos do Português; (c) a morfologia e a sintaxe são legitimamente Ewe; (d) não se trata, portanto, de um pidgin, nem de um crioulo; (e) é evidência de importação substancial de gente Ewe para a região das minas de Vila Rica/Ouro Preto e do provável predomínio dessa gente naquela região no século XVIII (em contraste com gente de outras etnias africanas).

Referências


Notas

1 No prólogo ao leitor: “Poia há serto e afirmo, que se todos os senhores de escravos, e hinda os que os não tem, souvem esta linguage não sucederão tantos insultos, ruínhas, estragos, roubos, mortes, e finalha te cazos atrozes, como m. tos mizeráveis tem experimentado: de
A PREDICAÇÃO NA LÍNGUA GERAL DE MINA

Silvia Margarete Cunha Souza
Universidade de São Paulo

1. Introdução

Não obstante a multiplicidade de línguas ligadas historicamente à escravidão no Brasil, atesta-se uma exiguidade de documentos relativos às línguas africanas aqui introduzidas com o tráfico de escravos e, sobretudo, à história dos contatos linguísticos ocorridos no período Colonial (1500-1822). Prova disso é a existência de apenas dois documentos produzidos nesse período dedicados às línguas africanas faladas no Brasil. O mais conhecido é a Arte da língua de Angola, de Pedro Dias, produzido em Salvador mas publicado em Lisboa em 1697. O outro, abordado neste trabalho, é o manuscrito da Obra nova de língua geral de mina, de António da Costa Peixoto, produzido em 1741 e editado em 19451 em Lisboa. O autógrafo, uma brochura de 46 páginas, pertence à Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora (Portugal), onde está catalogado sob o código CXVI/104-14 b, e foi publicado pela Divisão de Publicações e Biblioteca da Agência Geral das Colónias. Trata-se de um documento que atesta a existência de uma língua africana de uso veicular no Brasil Colonial e que pode ser considerado um dos únicos testemunhos da história dos contatos acima referidos.

A obra de António da Costa Peixoto contém o registro de uma língua que ele chamou “língua geral de mina”. Esse manuscrito constitui a única fonte para o conhecimento dessa língua, e os dados nele contidos, a base do estudo que se segue, que constitui, por sua vez, uma tentativa de reconstituir os aspectos gerais da sua estrutura e do seu funcionamento. O modelo utilizado foi o plano de descrição sistemática para línguas negro-africanas proposto por HOUIS (1977) e ampliado por BONVINI (1988) na descrição da língua Käsi1m².

Considerando-se que o trabalho aborda um documento histórico, um dos objetivos será apresentar algumas informações sobre o autor e o local onde foi produzido, e fim de situá-lo tanto no contexto das línguas africanas ligadas à escravidão no Brasil como no contexto da produção linguística brasileira dos primeiros séculos, e apresentar as características gerais da língua documentada na obra.

2. A Obra nova de língua geral de mina e seu autor

O manuscrito original da Obra nova de língua geral de mina, de António da Costa Peixoto, constitui uma espécie de manual de conversação iniciado com um glossário em que aparecem palavras, expressões, frases e diálogos na língua geral de mina com a tradução para a língua portuguesa. É composto de um texto de capa, contendo nome da obra, do autor, local e data; um poema intitulado “Desígnas de lu am.º do autor”; uma “Dedicatória”; um “Prologo ao leitor”; um texto de frontispício, contendo nome da obra e do autor; e uma “Advertência”, seguida de local e data. As listas de palavras e expressões estão organizadas, grosso modo, segundo o campo lexical, embora essa organização não seja sistemática. O autor lista nomes e expressões referentes a partes do corpo, peças de vestuário, utensílios domésticos, instrumentos